

Afirmar a equidade em vigilância sanitária

EDITORES

André Luís Gemal^I

Daniella Guimarães de Araújo^{II}

Isabella Fernandes Delgado^{II}

Neste mês de novembro de 2015, os noticiários estiveram fartos de temas candentes ligados à vigilância sanitária. No maior desastre ambiental de uma mineradora já ocorrido no mundo, o município de Mariana foi arrasado por um mar de lama que se espalhou por diversos outros territórios. A epidemia de microcefalia detectada no Nordeste e ainda sem causa definida. O desafio do *Aedes aegypti* e suas novas doenças em curso. O debate sobre a fosfoetanolamina e o uso em humanos sem os ensaios de segurança e efetividade. Os derivados da Cannabis sativa e seu uso clínico, levando um dos derivados a ser excluído da lista de substâncias proibidas.

Todos esses assuntos constam do escopo desta revista. Aguardamos dos pesquisadores artigos reflexivos, pesquisas, debates e opiniões sobre eles nos próximos números.

Neste contexto, a análise, gestão e abrangência dos riscos sanitários estão na ordem do dia. E esse rápido olhar para a saúde pública e seus enfrentamentos coaduna-se ao olhar para as pesquisas estratégicas, a disseminação e - importante ressaltar - para o acesso aberto ao conhecimento.

O volume de problemas crônicos pertinentes ao Sistema Nacional de Vigilância Sanitária e a agudeza das novas questões, discutidas por técnicos, gestores e pesquisadores, tornam a vigilância sanitária mote de esperanças e alvo de críticas. Esperanças por políticas inclusivas, participativas e equitativas. Críticas, pela extrema desigualdade do seu *modus operandi*, num país onde a extensão dos riscos sanitários se iguala à extensão do território. Críticas, também, pelo excesso de influências do mercado em contraposição à vulnerabilidade dos consumidores.

Esta introdução sinaliza que os editores deste periódico, considerando a relevância da área, almejam que a produção científica em vigilância sanitária aproxime-se da realidade, do tamanho e da diversidade dos riscos, de forma que os estudos tenham utilidade para aqueles que desenham políticas públicas e, conseqüentemente, alcancem a sociedade.

Neste difícil ano de 2015, tivemos vitórias na revista: incrementamos a participação de renomados pesquisadores no nosso conselho editorial, com maior representação geográfica e diversidade em áreas distintas do conhecimento; fomos indexados na Lilacs-Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde da BIREME-OPAS-OMS; e trabalhamos com o desafio em perspectiva de novas indexações.

Assim fechamos nosso terceiro ano de existência, completando 12 números publicados com periodicidade marcante e um total de 166 artigos com bom índice de acessos e *downloads*.

Neste número 4, do volume 3, os autores retomam temas contemporâneos, alguns desses caros para a compreensão das ações em vigilância sanitária na perspectiva da equidade.

Dentre eles: agricultura familiar em comunidade quilombola; obesidade, comida de rua; evento sentinela em agrotóxicos; Qualidade de genéricos; arranjos em rede para gerenciamento do risco - que, entre tantos outros, oportunizam essa análise.

Nas palavras dos autores, também afirmamos que temáticas como essas trazem à tona o debate sobre a polaridade na qual a área se insere e instigam novos modos de atuação.

Conforme destaca uma de nossas autoras, "Na busca por vítimas escondidas entre os escombros de um modelo desordenado de produção de alimentos contaminados, propõe-se

^I Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro (IQ/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^{II} Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz (INCQS/Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil



utilizar cada um desses óbitos descrito nesse trabalho como um evento sentinela, a fim de incentivar e instrumentalizar as vigilâncias dos municípios a atuar na fiscalização das condições de trabalho e, se possível, realizar busca ativa de casos de intoxicação crônica por agrotóxicos”.

Novamente, considerando a dimensão de equidade na qual esta corresponde à justiça, destaca-se o artigo que se refere às comunidades quilombolas: “[...] a apicultura familiar nas comunidades quilombolas tem-se mostrado uma alternativa para o Vale do Ribeira, pois pode proporcionar às famílias uma geração de renda extra, alimento e proteção ao meio ambiente, gerando melhoria de vida, satisfação pessoal e promoção da saúde local”.

Quanto à comida de rua - tema atual e necessário - os autores do artigo “Redes solidárias em vigilância sanitária: a rede de gerenciamento da comida de rua em Salvador, BA - Brasil” consideram: “A vigilância sanitária, portanto, precisa se apropriar deste segmento, pois não pode atender só ao setor denominado ‘formal’, porque o comércio de alimentos nas ruas é a principal fonte de renda dessa população, normalmente desempregada e excluída do sistema de produção”.

São estudos que apontam para o desenho de políticas de saúde mais abrangentes, que consideram fatores sociopolíticos e econômicos na determinação das causas.

E este número traz, também, a dimensão relevante da política de saúde e interfaces com a Visa, destacando a importância

desse compromisso no artigo intitulado “A política de saúde brasileira: principais debates e desafios e interface desses com a Vigilância Sanitária”, no qual os autores afirmam que “A Visa encontra sustentação e tem a potencialidade de contribuir enormemente para a integralidade no SUS. Para isso, os profissionais e gestores da saúde, em especial os da Visa, precisam conhecer claramente o *link* entre os objetos inseguros e o adoecimento/sofrimento das pessoas”.

Para nós, a pertinência em se abordar essas questões num momento em que se aproxima a 15ª Conferência de Saúde e o 7º Simbravisa (Novembro de 2016, em Salvador), aliadas às transformações e degradações que vivemos no país - inclusive no que se refere à gestão dos riscos sanitários -, podem contribuir para expandir a discussão e a produção científica na área. E, principalmente, para subsidiar sua gestão de forma mais abrangente e efetiva.

Em tempos de riscos alargados e danos sofridos por todos nós, essa é a esperança nossa, como editores.

Por fim, queremos agradecer especialmente à rede de pareceristas que colaboram com tempo e conhecimento para o crescimento da revista. E a toda equipe editorial, aos nossos autores e aos nossos leitores.

Boa leitura e o desejo de um novo ano, com mais inteligência, equidade e saúde.

BIBLIOGRAFIA

Scorel S. Equidade em saúde. In: Pereira IB, Lima JC, organizadores. Dicionário da educação profissional em saúde. 2a ed. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; 2008 [acesso em 13 nov 2015].

Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/equsau.html>

Heller A. Além da justiça. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1998.